

HISTÓRIAS DE VIDA, GÊNERO E DIVERSIDADE

ENCONTROS ANCESTRAIS: HISTÓRIAS QUE CONTAM EXPERIÊNCIAS DE MULHERES PRETAS NA UNIVERSIDADE

Geni de Oliveira Lima

Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ/FFP
genilima@gmail.com

Luiza Mandela Silva Soares

Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ/FFP
luiza.mandela@gmail.com

Marília Carvalho da Fonseca

Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ/FFP
mariliacarv@hotmail.com

Resumo

Este trabalho se propõe a contribuir com a reflexão sobre a presença de três mulheres negras e professoras na Universidade, duas mestrandas e uma doutoranda, um encontro proporcionado pelo grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais – ALMEFRE, vinculado à FFP/UERJ, coordenado pela professora Dra. Mairce da Silva Araújo. Um encontro marcado pelas trajetórias e entrelaçamentos de narrativas de professoras pesquisadoras, a partir de pontos de confluências apresentadas pela luta antirracista e pelas interseccionalidades de gênero, raça e classe. Nas discussões realizadas no grupo, e em diálogo com nossas experiências docentes, enquanto professoras, usamos a escrivência como metodologia (EVARISTO, 2020) um mergulho das narrativas negras nas ancestralidades e negritudes, possibilidades outras de compreensão e produção de práticas antirracistas, um caminho possível para o desenvolvimento deste trabalho. Nosso objetivo é contar histórias que revelam as reverberações do racismo estrutural (ALMEIDA, 2021), através das nossas histórias de vida, numa sociedade que nos subjuga e nos impõe diariamente um lugar de subalternidade, e que apesar das barreiras impostas pelo racismo, chegamos à Universidade pública, em um curso de pós graduação, galgando novas oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

O encontro entre nós, as três mulheres pretas, autoras do presente trabalho, poderia ser classificado como inesperado, se não o concebêssemos, como nos ensina (GONÇALVES, 2022) no livro *Um defeito de cor*, como uma serendipidade, que é uma situação onde muitas vezes descobrimos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra mas para a qual tínhamos que estar preparados previamente. Procurávamos formação acadêmica e nos encontramos nos gestos, nos olhares, nos combinados feitos de não morrer e de (re)existir uma das outras. A feitura deste trabalho, sobre pesquisas (auto)biográficas nos proporcionou o que (BADARÓ et 2002) denomina “*uma conversa entre amigos*.” Amigas, que, até então, não haviam constituído uma relação de afeto mais profunda, mas que pela confluência das suas trajetórias, se reconhecem na história contada. Um convite à coletividade, presente nas culturas africanas de base bantufona, que segundo (PINHEIRO, 2023), rompe com a lógica ocidental da individualidade, com a criação da filosofia Ubuntu, que traz o significado de que precisamos um dos outros para sermos nós mesmos. Na filosofia Ubuntu, “*eu sou porque nós somos*”, não se dissocia o EU do NÓS.

Compreendemos que a ancestralidade se expressa como uma abertura íntima, já que expomos pelas nossas escrevivências um pouco do EU-NÓS, quando compartilhamos as relações e histórias de mulheres pretas. Esse EU-NÓS, pelo peso conceitual que carrega dentro da discussão da escrevivência é uma possibilidade de compreendermos a ancestralidade, uma vez que, que marca um movimento coletivo que tange a constituição da identidade e das experiências de mulheres, *professoraspesquisadoras* pretas.

Nosso combinado revela que as trajetórias se entrelaçam em diversos momentos, e esse (re) encontro também proporcionado pela ancestralidade faz com que sejam movimentadas estruturas sociais como nos afirma (DAVIS, 2017). Um movimento feito em representação de fecundidade e de força que contribuem para a formação da identidade da mulher negra, assim como (PORTUGAL FILHO, 2022), e (GOMES, 1995) em sua obra: “A Mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras.”

Trazemos (KILOMBA, 2019) que em “Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano ” discorre sobre sua narrativa das experiências vividas e uma reflexão sobre as práticas de colonização e a questão da colonialidade e o poder de fala na sociedade. Além de (COLLINS, 2019) que defende que centralizar as vozes das mulheres negras é um caminho para conferir visibilidade à natureza parcial das teorias que se presumem universais, como estratégia de enfrentamento aos mecanismos de opressão. Em nossas conversas, sobressaíram questões relacionadas aos atravessamentos socioeconômicos e culturais, que marcam a trajetória de muitas mulheres negras. Estar na academia é um gesto de insurgência, e confronta com o ideário social racista, que segundo (GONZALEZ ,2020) concebe a mulher negra ao serviço doméstico. Quanto mais escura for a cor de sua pele, como as nossas, mulheres pretas retintas, o destino "natural" não deveria ser o trabalho intelectual. Diante do exposto, elaboramos o seguinte problema de pesquisa: quais os impactos da presença de três professoras negras com uma perspectiva antirracista em cursos de pós graduação stricto sensu na formação e atuação de estudantes e professores negros/as?

Adotamos como parte do referencial teórico-metodológico as contribuições de (TRINDADE, 2010), quando explicita os valores afro-civilizatórios como energia vital, circularidade, corporeidade, memória , ancestralidade, musicalidade entre outros. Valores que fazem parte do nosso (re) encontro e nos conectam a saberes vindos do continente africano, que por conta do apagamento histórico não sabemos de onde viemos exatamente, mas sabemos que somos descendentes de reis, rainhas, inventores, professores , engenheiros , ferreiros que deixaram imensas contribuições sociais, econômicas e políticas para a sociedade brasileira. Afinal, se a população negra em diáspora não fosse organizada, não estaríamos em vida escrevendo sobre nós em “primeira pessoa” e produzindo conhecimentos. Através da relação que se estabelece com o vínculo, com a responsabilidade da relação política com a memória e pela oralidade que vem perpassando gerações com um pensamento fronteiriço, a ancestralidade que vive entre o presente e o passado. Ao trazer em nossas narrativas as memórias ancestrais somos envolvidas nas complexidades do pensamento das experiências que é mérito dos Quilombos, como bem define (BISPO, 2023). Que o nosso combinado de não morrer inspire gerações futuras.

Palavras-chave: antirracismo ; escrituras ; mulheres negras

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. Belo Horizonte. Letramento 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira*. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs.). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres (A cor da cultura, v.5)*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.11-15. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wpcontent/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá a quer*. Juiz de Fora. UBU. 1ª Ed. 2023

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro*. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo. Boitempo 1ª ed, 2019

CLEMENTINO, Elizeu. Tese: *O conhecimento de si: Narrativas do itinerário escolar e Formação de Professores*. Bahia. Terra, 2004.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

GOMES, Nilma Lino. *A Mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras*. Belo Horizonte. Mazza Edições, 1995.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino americano : ensaios, intervenções e diálogos* / Org Flávia Rios, Márcia Lima, 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019

PORTUGAL FILHO, Fernandez. *Iyami Oxorumgá: o culto às mães ancestrais*. São Paulo: Arole Cultural, 2022